

AS CONTRIBUIÇÕES DAS VIVÊNCIAS COLETIVAS NA MUSICOTERAPIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

The Contributions Of Collective Experiences In Music Therapy: An Integrative Review

Las Contribuciones De Las Experiencias Colectivas En Musicoterapia:

Una Revisión Integrativa

*Valmir Nogueira da Silva¹; Yolanda Aline da Silva²; Evelyn Nunes de Matos³;
Gislaine Cristina Vagetti⁴*

Resumo - O objetivo do estudo foi identificar na literatura as contribuições da prática de musicoterapia que envolva a interação grupal. Foi realizada uma revisão integrativa nas bases de dados CAPES, SciELO, *Brazilian Journal of Music Therapy* e Revista Voices, com os descritores “Musicoterapia” e “Grupos” e operador booleano “AND”. Resultados: Dos 204 artigos encontrados sobre o tema, foram excluídos 186, por não atenderem os critérios de inclusão, permanecendo 18 artigos para análise. Os artigos encontrados proporcionaram um estudo amplo da musicoterapia em diversos grupos, classes sociais, diagnósticos e etnias. Os estudos apresentaram melhoras significativas nos grupos, proporcionadas pelas intervenções. Dentre os benefícios verificados, destacam-se o aumento na autoestima, melhor sociabilidade, redução do isolamento social, melhor expressão da identidade, aumento de autoconfiança, criação de emancipação, entre outros. Conclusão: as práticas musicoterapêuticas em grupo proporcionam benefícios significativos aos participantes, criando e fortalecendo laços entre os indivíduos e, paralelamente, os auxiliando em suas questões individuais.

Palavras chaves: musicoterapia comunitária; musicoterapia social; vivências coletivas; musicoterapia grupal.

Abstract - The objective of the study was to identify in the literature the contributions of music therapy practice involving group interaction. An integrative review was carried out in the CAPES, SciELO, *Brazilian Journal of Music Therapy* and *Revista Voices* databases, with the descriptors "Music therapy" and "Groups" and Boolean operator "AND". Results: From 204 articles found on the topic, 186 were excluded for not meeting the inclusion criteria, leaving 18 articles for analysis. The articles found provided a broad study of music therapy in different groups, social classes, diagnoses and ethnicities. The studies showed significant improvements in the groups, provided by the interventions. Among the benefits verified, there is an increase in self-esteem, better sociability, social isolation reduction, better expression of identity, increased self-confidence, creation of emancipation, among others. Conclusion: group music therapy

1 <http://lattes.cnpq.br/7580006531793558> Email: adm.valmirnsilva@gmail.com

2 <http://lattes.cnpq.br/2942629724109656> E-mail: yolanda-aline@hotmail.com

3 <http://lattes.cnpq.br/0122914547250389> E-mail: evelyn.matos.48@estudante.unespar.edu.br

4 <http://lattes.cnpq.br/8495637038816664> Email: gislaine.vagetti@unespar.edu.br

practices provide significant benefits to participants, creating and strengthening bonds between individuals and, at the same time, helping them with their individual issues.

Keywords: communitarian music therapy, social music therapy, collective experiences, group music therapy.

Resumen - El objetivo del estudio fue identificar en las contribuciones de la práctica de la musicoterapia que involucran la interacción grupal. Se realizó una revisión integradora en las bases de datos CAPES, SciELO, Brazilian Journal of Music Therapy y Revista Voices, con los descriptores "Musicoterapia" y "Grupos" y operador booleano "y". Resultados: De 204 artículos encontrados sobre el tema, 186 fueron excluidos por no cumplir con los criterios de inclusión, quedando 18 artículos para análisis. Los artículos encontrados proporcionaron un estudio amplio de la musicoterapia en diferentes grupos, clases sociales, diagnósticos y etnias. Los estudios mostraron mejoras significativas en los grupos, proporcionadas por las intervenciones. Entre los beneficios verificados, se encuentra aumento de la autoestima, mejor sociabilidad, reducción del aislamiento social, mejor expresión de la identidad, aumento de la autoconfianza, creación de emancipación, entre otros. Conclusión: las prácticas de musicoterapia grupal ofrecen importantes beneficios a los participantes, creando y fortaleciendo lazos entre las personas y, al mismo tiempo, ayudándolos con sus problemas individuales.

Palabras clave: musicoterapia comunitária, musicoterapia social, experiencias colectivas, musicoterapia grupal.

Introdução

A música ajuda a nos conectarmos com a história, com o transcendente, com a sociedade (Arndt, Cunha e Volpi, 2016), podendo ela ser tocada ou cantada, individualmente, ou em grupo. Em uma orquestra, a união de vários instrumentos na mesma sintonia pode proporcionar um grande espetáculo. Um instrumento de cordas pode gerar um acorde se várias cordas forem tocadas ao mesmo tempo, assim como um piano precisa que várias teclas sejam tocadas ao mesmo tempo para produzir belas músicas.

Em determinado momento da história da humanidade, houve a necessidade de profissionais das áreas de ciências sociais e humanas começarem a trabalhar com grupos de pessoas, saindo dos campos individuais (Arndt, Cunha e Volpi, 2016). Assim, também surgiu a necessidade de se fazer pesquisas englobando grupos e musicoterapia.

Para Bruscia (2016, p. 23) a musicoterapia pode ser equiparada com a química, pois seus elementos principais são os clientes, o terapeuta e a música, e estes se combinam e interagem de várias formas. Portanto, a interação do cliente com a música será o principal referencial para o profissional musicoterapeuta, que irá analisar as dinâmicas da musicoterapia a partir das experiências do participante. Segundo Steele (2016), a musicoterapia foi regularizada após a Segunda Guerra Mundial e foi introduzida em diversos campos de atuação, promovendo o encontro entre o profissional musicoterapeuta, os pacientes/participantes e a prática musical. Seu objetivo final é de potencializar os indivíduos por meio de seu processo criativo musical, que por ser uma prática sensível e estética, pode impulsionar outros modos de se relacionar, de pensar, de agir, e até mesmo de viver.

A musicoterapia comunitária surgiu como uma abordagem difundida para a prática da musicoterapia desde o início do século XXI. O viés comunitário é conhecido por possibilitar a construção de sentimento de comunidade, pois ele foca nos coletivos e em suas vivências sociais, econômicas e históricas (Steele, 2016). A musicoterapia comunitária traz os grupos como uma junção de diferentes vozes, onde cada singularidade é levada em conta, e não há generalização de identidades. São nessas trocas grupais que cada sujeito revela seu modo de ser e viver, apresentando a sua biografia para o coletivo.

Como afirmam Arndt, Cunha e Volpi (2016, p.392), a prática musicoterapêutica, quando feita em grupo pode resultar em bons encontros, propiciando

a troca de saberes, a partilha e a pulsão na criatividade. Na musicoterapia é possível perceber que algumas técnicas, que trabalham com o grupo, apresentam resultados diferenciados das que trabalham o individual. Pimentel, Barbosa e Chagas (2011, p.744) verificaram, por meio da aplicação de atividades musicoterapêuticas nas salas de espera de uma Unidade Básica de Saúde, que a musicoterapia tem a capacidade de unir pessoas de lugares, culturas, idades e crenças diferentes, formando um grupo e proporcionando a troca de experiências e a conversação entre os participantes.

Para Cunha (2016), o fazer musical coletivo promove a reabilitação social e emocional das pessoas, fortalecendo-as para a sobrevivência e enfrentamento das diversas situações trazidas pela vida cotidiana. Esse trabalho grupal desenvolve laços entre os participantes e permite a troca de musicalidades, enriquecendo as vivências de vida desses indivíduos. Arndt, Cunha & Volpi (2016, p.391), ressaltam que esses encontros de culturas, sentimentos e vivências são trazidos pela musicoterapia comunitária.

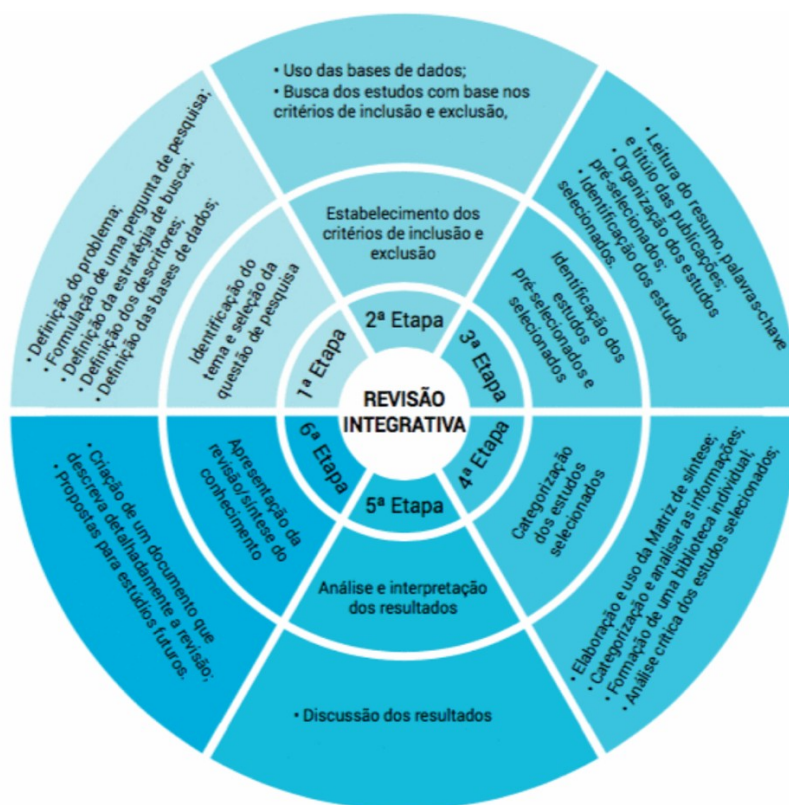
O espaço grupal musicoterapêutico se forma quando a comunicação flui não de maneira verbal, mas pelo sonoro, por movimentos e gestos corporais, e ao se aliar aos instrumentos musicais, o grupo faz suas trocas de experiências. O ato de participar de um grupo envolve mais do que apenas tocar instrumentos, bater palmas, cantar, dançar, andar, ouvir, ou apenas estar presente ali, já são formas de adentrar ao grupo. Dentro de um coletivo, cada indivíduo participa conforme seus limites e necessidades, pois na musicoterapia, segundo Cunha (2019), diferentes formas de se relacionar são tidas como interações, e mostram de que maneira os participantes conduzem a construção musical coletiva. O fazer musical em grupo necessita de atenção, concentração, resolução de problemas, memória, criatividade, expressão de sentimentos e confiança. Por isso, é preciso que os participantes se sintam seguros na roda, para que então compartilhem seus sentimentos pela música (Cunha, 2016). Portanto, a prática grupal é uma ação complexa e que lida com várias questões. Nesse artigo, o objetivo é identificar na literatura as contribuições da prática de musicoterapia que envolvam a interação grupal.

Método

Tipo de estudo

Foi utilizado o método de revisão integrativa, que segundo Botelho (2011), fornece de forma abrangente uma compreensão de determinado assunto, e permite compreender e refletir como cada texto abordou o tema pesquisado. As informações das seis etapas da revisão integrativa constam na Figura 1 e foram seguidas para a elaboração deste estudo.

Figura 1. Etapas de uma revisão integrativa



Fonte: Botelho, Cunha e Macedo (2011, p. 129).

Com base nesses procedimentos preliminares, que identificaram a questão de pesquisa, dá-se o processo para as buscas na literatura, onde foram utilizados descritores validados pelo MeSH e DeCS em inglês e português, “musicoterapia” e “grupos”.

Na segunda etapa foram consultadas bases eletrônicas de dados e pesquisas em revistas científicas selecionadas, sendo estas: SciELO, Periódicos CAPES, Revista Brasileira de Musicoterapia e Revista VOICES. Nestas bases foi utilizado o operador *booleano* “AND”. Os critérios de inclusão foram: artigos que refletiam sobre a prática da musicoterapia em grupos heterogêneos, pois o mesmo pode contemplar grupos com crianças, jovens e idosos. Publicações a partir de 2015, abrangendo a área da musicoterapia social, contemplados nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola, e dos quais pelo menos um dos autores fosse musicoterapeuta. Os critérios de exclusão foram: artigos escritos por outros profissionais que não sejam musicoterapeutas, artigos que não estavam dentro do escopo da busca, e artigos que não se encontravam dentro das plataformas de busca escolhidas. A literatura cinzenta também foi excluída.

A terceira etapa compreendeu a análise dos resumos dos estudos pré-selecionados (que preenchiam os critérios de inclusão) para a identificação de sua relevância. Após esta fase, todos os estudos selecionados foram analisados na íntegra. Os processos de seleção e avaliação de artigos foram realizados por pares e caso houvesse discordância entre os avaliadores, realizava-se uma discussão sobre o artigo e encontrava-se um denominador comum. Esta fase compreendeu a leitura completa e a avaliação dos estudos, para verificar se cada um deles realmente atendia os critérios de inclusão.

Na quarta etapa, foi realizada análise crítica e síntese dos estudos. Para essa revisão, foram utilizados os dados: Base / Periódico / Ano, Título, Autores, Abordagem do estudo, Participantes e Principais resultados.

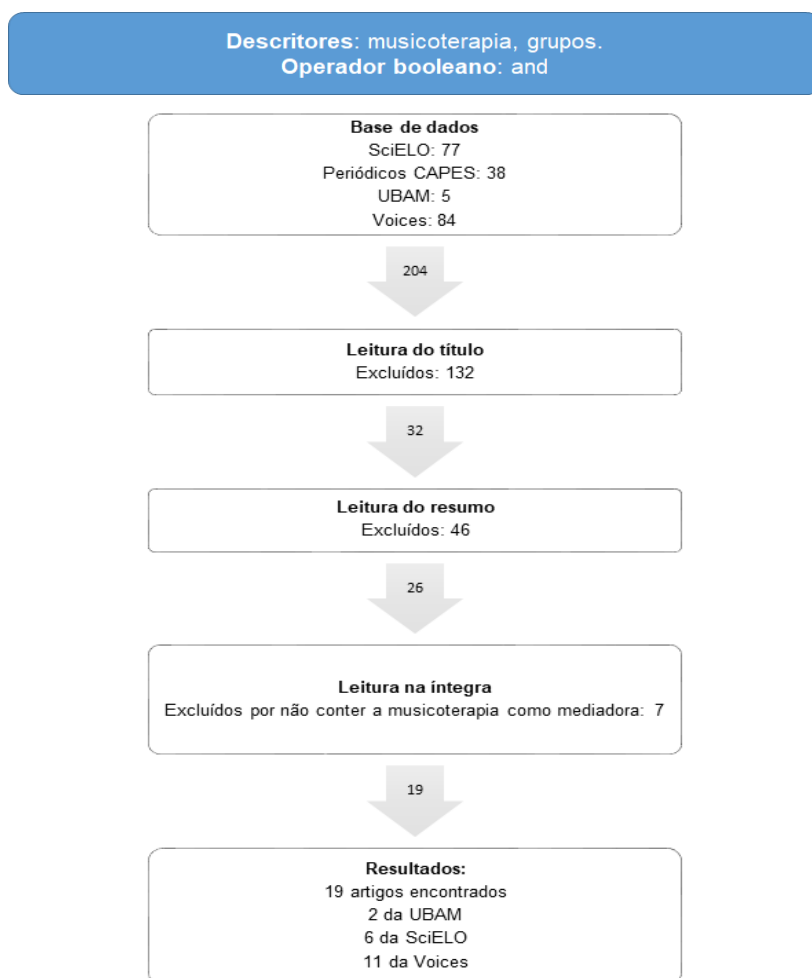
Na quinta etapa, foi apresentada a discussão dos resultados e a síntese do conhecimento da revisão integrativa. A sexta etapa compreendeu as considerações finais sobre a temática investigada.

Resultados

A partir das bases de dados pesquisadas, conforme ilustrado na Figura 2, foram encontrados 77 resultados na plataforma SciELO, 38 nos Periódicos CAPES, 5 na Revista Brasileira de Musicoterapia (UBAM), e 84 na Revista Voices. Do total de 204 artigos, 132 foram excluídos pela leitura dos títulos, e em seguida, 48 pelos resumos.

Após leitura na íntegra, mais 6 foram removidos. O resultado final foi de 18 artigos selecionados para esta pesquisa.

Figura 2. Fluxograma de revisão da pesquisa



Fonte: os autores (2021)

No quadro a seguir estão destacados os dados pretendidos nessa pesquisa, que são: Base / Periódico/ Ano, Título (original e tradução em itálico quando do inglês), autores, abordagem do estudo, participantes e principais resultados.

Quadro 1. Artigos selecionados para revisão integrativa

Título	Autor (es)/ano	Abordagem do estudo	Participantes/idade	Principais Resultados
Musicoterapia grupal ativa e depressão em pacientes do hospital de psiquiatria-CNS	Vega (2020)	Intervenção	Pacientes com depressão	Os resultados demonstraram melhora no quadro de depressão dos participantes.
<i>Finding our voices, singing our truths: examining how quality of life domains manifested in a singing group for autistic adults</i> (Encontrando nossas vozes, cantando nossas verdades: examinando como os domínios da qualidade de vida se manifestam em um grupo de canto para adultos autistas)	Young (2020)	Pesquisa-intervenção	Adultos autistas, entre 21 e 38 anos	Resultados estatisticamente não significativos no quesito quantitativo, achados notáveis no qualitativo. Diminuição do nível de ansiedade e menor nervosismo foram os mais notáveis.
Reflexões sobre a prática da musicoterapia em grupo	Cunha (2019)	Revisão de Literatura	Não se aplica	A autora concluiu que falta teorização à respeito da intervenção musicoterapêutica grupal; apesar de haver muita prática, há pouca teoria.
<i>Scaffolding Young people's Journey from mental health services into everyday social music making: a pilot music therapy project</i> (Apoiando a jornada de jovens dos serviços de saúde mental para a produção cotidiana de música social: um projeto piloto de musicoterapia)	Hense (2019)	Intervenção	Jovens com transtornos mentais	Após as sessões, o grupo de jovens passou a sentir mais segurança em sociabilizar; houve procura por aulas aprofundadas de instrumentos musicais. Contudo, mostrou-se necessário um apoio terapêutico mais presente no cotidiano dos indivíduos.
<i>Music therapy in a parent-child reunification program: benefits and challenges of implementation</i> (Musicoterapia em um programa de reunificação de pais e filhos: benefícios e desafios da implementação)	Guerreiro; Blank (2018)	Intervenção	Famílias / adulto e infantil	A musicoterapia mostrou-se uma grande mediadora no processo de reestruturação de laços familiares. Relações entre pais e filhos mostraram-se melhores, com mais apoio e cuidado.
<i>Working with and within chaos: the development of a music therapy programme for young sex offenders in South Africa</i> (Trabalhando com e dentro do caos: o desenvolvimento de um programa de musicoterapia para jovens criminosos sexuais na África do Sul)	Oosthuizen (2018)	Estudo Qualitativo	Menores infratores, 16 a 18 anos	Os resultados demonstraram crescimento e mudanças significativas em muitos participantes; melhor expressão dos jovens; melhoria no trabalho em equipe de todos os envolvidos (participantes, equipe multidisciplinar, comunidades).
<i>Co-creating spaces for resilience to flourish: a community music therapy project in Cape Town, South Africa</i> (Cocriando Espaços para resiliência florescer: Um projeto de musicoterapia comunitária na Cidade	Fouche; Stevens (2018)	Estudo Qualitativo	Adolescentes entre 10 e 13 anos	Verificadas contribuições da música e musicoterapia na conexão e interação nas sessões com as crianças, que se refletiu fora do ambiente escolar e aumento na valorização da cultura

do Cabo, África do Sul)				local.
<i>An intergenerational singing group: a community music therapy qualitative research Project and graduate student mentoring initiative</i> (Um Grupo Intergeracional de Canto: Um Projeto de Pesquisa Qualitativa em Musicoterapia Comunitária e Iniciativa de Mentoria para Alunos de Pós-Graduação)	Vaillancourt et al. (2018)	Pesquisa-intervenção	Adultos entre 20 e 65 anos	Verificado aumento de auto expressão, sensação de realização, melhora na respiração e sensação de bem-estar geral; melhora das habilidades de canto, respiração, conexão com o grupo; acolhimento da musicoterapia.
<i>Musicking together: affective, cognitive and physical aspects of a music therapy group work</i> (Musicando juntos: Aspectos Afetivos, Cognitivos e Físicos de um Trabalho de Musicoterapia em Grupo)	Cunha (2017)	Estudo Qualitativo	Mulheres adultas, mais de 30 anos	Verificados estímulos na interação, desenvolvimento de diferentes formas de sentir, pensar e agir; encorajou os participantes a pensar em seus sentimentos, papéis e julgamentos, levando à mudanças positivas.
<i>Health, mental health, music and musictherapy in a Colombian indigenous Community from Cota, 2012-2014</i> (Saúde, saúde mental, música e musicoterapia em uma comunidade colombiana indígena de Cota, 2012-2014)	Morales-Hernández; Urrego-Mendoza (2019)	Intervenção	Índios da Colômbia/adultos	A musicoterapia expandiu a consciência, harmonizou a relação dos indivíduos com o meio ambiente e seus companheiros, e melhorou a comunicação dos participantes (externa e interna).
Musicoterapia social e comunitária: uma organização crítica de conceitos	Cunha (2016)	Revisão de literatura	Não se aplica	O resultado trouxe a reflexão de que a musicoterapia social e comunitária permite o encontro de indivíduos solidários que se dispõem a serem resistentes, sobreviventes e acolhedores.
<i>Resistances in group music therapy with women and men with substance use disorders</i> (Resistências em terapia de música em grupo com mulheres e homens com transtornos de uso de substâncias)	Gardstrom; Hiller (2016)	Estudo qualitativo	Adultos, 17 a 65 anos	Sugestões de estratégias para lidar com as resistências encontradas na musicoterapia em grupo de reabilitação; verificada predominância do suporte mútuo e reconhecimento das conquistas entre pares, solidariedade e orgulho pessoal e coletivo.
<i>A bigger picture: Community music therapy groups in residential settings for people with learning disabilities</i> (Uma imagem mais ampla: grupos comunitários de musicoterapia em ambientes residenciais para pessoas com transtornos de aprendizagem)	Clarkson; Killick (2016)	Intervenções	Adultos com deficiência intelectual	Verificado aumento da autoestima dos participantes, valorização de suas existências; indivíduos que se sentiam invisíveis na sociedade puderam se emancipar e reconhecer seus papéis e em como eles poderiam ser donos de suas próprias histórias.
<i>Music belongs to everyone: moments of progress in Community music therapy with musicians with severe disabilities</i> (A música pertence à todos: momentos de progresso na musicoterapia comunitária com músicos com deficiências graves)	Tiszai (2016)	Intervenções	Músicos com deficiências graves e jovens estudantes de música	Os participantes passaram a serem vistos como pessoas ativas na comunidade em que viviam, saindo da imagem de pessoa com deficiência passiva que depende de tudo e todos para viver. A musicoterapia deu voz à esses indivíduos e fortaleceu valores de

				humanidade, cuidado e justiça social.
<i>How can music build community? Insight from theories and practice of Community music therapy</i> (Como a música pode construir uma comunidade? Visão das teorias e práticas da musicoterapia comunitária)	Steele (2016)	Revisão de Literatura	Não se aplica	Foram feitas diversas reflexões em cima das várias publicações de referência na área da musicoterapia comunitária, terminologias e qualidades chave.
Aspectos da prática musicoterapêutica: contexto social e comunitário em perspectiva	Arndt et al. (2016)	Revisão Integrativa	Homens e mulheres em situação de rua / adultos	Campo do social e comunitário ainda em desenvolvimento; é no espaço concedido entre potenciais interações que a sonoridade pode revelar histórias musicais de vida; espera-se que se potencialize o desenvolvimento das vivências em contextos sociais e comunitários.
<i>Musicoterapia e integración social en menores infractores – un estudio de casos</i> (Musicoterapia e integração social de menores infratores – um estudo de casos)	Fernán dez-Bataner o; Felício (2016)	Intervenções	Menores infratores / de 16 a 18 anos	A musicoterapia trouxe melhora significativa nos quadros de depressão e ansiedade, diminuiu estresse, melancolia e solidão. Os participantes demonstraram melhor coordenação com ritmos, tempo, concentração, maior senso de empatia e confiança com os demais.

Fonte: os autores (2021)

Discussão

O estudo de Vega (2020) propôs, por meio do seu projeto, a formação de um corpo psicológico, clínico e músico, utilizando de recursos de intervenção da modalidade de musicoterapia grupal ativa para a manutenção e tratamento da depressão. Para isso, ele utilizou a ISO (Identidade Sonoro Musical). Contudo, abordando a ISO Grupal, o indivíduo integra-se e se torna uma peça fundamental para conseguir uma ação, reação e resultado. Seu objetivo foi de diminuir os níveis de depressão em pacientes do hospital de psiquiatria por meio de um programa de intervenção em musicoterapia grupal ativa. O número da amostra foi de 20 pacientes divididos em dois grupos de 10, na cidade de La Paz, Bolívia. A medição foi por meio da escala de medida de Zung e Conde, que é uma escala auto aplicada na qual o paciente indica a frequência com que experimenta cada um dos sintomas explorados.

O estudo constatou que a musicoterapia grupal ativa diminuiu significativamente os níveis de depressão nos grupos estudados em até 95% dos casos, além das mudanças quanto ao desempenho musical e na parte grupal, também obtiveram mudanças como coesão grupal, proatividade, compromisso e motivação, assim como a diminuição da ansiedade.

Young (2020, p.6) investigou a prática de canto em 8 adultos autistas, com a medida de variáveis de qualidade de vida de alto funcionamento ou síndrome de Asperger, que conseguiam dar o consentimento próprio do que estavam fazendo. A idade foi de 21 a 38 anos, sendo 2 mulheres e 6 homens, em 12 sessões de canto em grupo de uma hora e meia de duração. As sessões eram organizadas com uma breve checagem verbal, aquecimentos de respiração, de voz e de corpo (incorporando componentes improvisacionais), canção de abertura, alternância entre cantar músicas pedidas pelos participantes e selecionadas pela pesquisadora, e canção de encerramento.

Os resultados foram a diminuição da ansiedade durante as sessões de canto em grupo comparado à rotina normal, ações de consciência corporal durante os aquecimentos de forma intencional, melhoras posturais durante o canto, movimentos espontâneos durante as sessões, sentimento de bem estar, realização, melhora da autoestima, conexão com a espiritualidade, criação da identidade musical e vocal, a sociabilidade do grupo, além de melhoras nas competências musicais, pois tiveram crescimento das habilidades sobre música e canto. Segundo o autor, o processo de encontrar a própria voz por meio de experiências construtivas de canto pode ajudar os indivíduos a sentir um senso maior de ação e de conexão consigo mesmo e com os outros.

O estudo de Hense (2019, p.3) teve como objetivo explorar por meio de um projeto piloto de musicoterapia em grupo como ele poderia ajudar os jovens a fazer a ponte dos serviços de saúde mental, para o envolvimento diário da comunidade. A população da amostra foi de 17 jovens de 12 a 25 anos de idade da *Australian Music Association*, por meio do método da exploração de jovens com problemas de saúde mental, depressão, ansiedade, distúrbios de personalidade, sinais de psicose e outras carências envolvendo o uso de substâncias ilícitas, falta de moradia e outras deficiências. A duração foi de 8 sessões semanais, e mediadas por um musicoterapeuta, com o objetivo de proporcionar ao jovem uma reflexão dos seus próprios objetivos e apresentar de que maneira a musicoterapia os ajudou.

O grupo proporcionou um espaço social seguro no qual os jovens se sentiram livres para se expressarem e explorarem suas identidades, bem como fazer interpretações do eu e dos outros no processo da construção de uma identidade social.

Vaillancourt et al. (2018, p.4) descreveram o trabalho de um grupo intergeracional com um público de 20 a 65 anos durante 10 semanas, com encontros realizados em estúdios comunitários de uma cidade canadense, com uma hora e meia de duração, tendo como participantes 13 mulheres. Apesar das diferenças de idade, esse grupo proporcionou às participantes um aumento da autoexpressão, sensação de realização, melhora da respiração, e sentimentos de bem-estar generalizado. Também desenvolveram relacionamentos e grupos sociais e comunitários, ainda que de sustentabilidade limitada, a alegria em cantar, a beleza do canto, harmonia, o prazer da música, o aprendizado de música por meio do grupo, a oportunidade de conhecer pessoas, a conexão com outras idades e culturas, da melhora nas habilidades de canto, de envolvimento de todos os sentidos, conexão, ajuda na recuperação física e psicológica, percepção do espaço como um local seguro, confortável, criativo e 'incrível'. Os desafios encontrados foram com o repertório em outras línguas.

Guerriero e Blank (2018, p.2) realizaram uma pesquisa com famílias que fazem parte do programa *Reunity House*, que auxilia no processo de reunificação de famílias separadas devido a abuso e negligência. Tinham como objetivo o aumento do vínculo entre pais e filhos, a consciência dos pais sobre os marcos do desenvolvimento musical das crianças, e maior conforto e competência dos pais com a música como ferramenta na relação. Utilizou-se como método a produção musical conjunta (programa internacional *Music Together*), em famílias com filhos de até 6 anos de idade e em diferentes estágios de reunificação, tendo 10 sessões semanais em um semestre, e tendo as habilidades parentais avaliadas. Durante as sessões, foram verificados sinais positivos de maior vínculo entre pais e filhos, como pais sentados confortavelmente com seus filhos e outras famílias no círculo, e maior uso de instrumentos e acessórios sonoros.

O trabalho usando o ritmo, que requer repetição, ajudou a estabelecer novos caminhos neurais, e regular o nível de energia de crianças que sofreram traumas. O projeto obteve como resultados: melhora da consciência dos pais sobre o desenvolvimento musical da criança, aumento do conforto e competência com música,

melhor entendimento do desenvolvimento musical dos filhos e do uso da música como estratégia parental, e atenuação das crises de aborrecimento da criança com uso de canção de ninar.

Os autores concluem que a musicoterapia apresentou benefícios para as famílias em termos de relações positivas entre pais e filhos, práticas parentais positivas e apoio ao desenvolvimento das crianças após um período traumático em suas vidas. A musicoterapia mostrou-se eficaz no resgate e humanização dos atendidos, e a realização em grupos tornou-os mais esperançosos, empáticos e com o senso de pertencimento, que favoreceu a sensação de segurança e comprometimento no meio em que estavam e eram, e causaram a emancipação de grande parcela dos envolvidos nos estudos.

A pesquisa de Oosthuizen (2018, p.3) aborda a utilização da musicoterapia em grupo como ferramenta para a reabilitação de jovens infratores sexuais, trabalhada a clínica *Teddy Bear* na África do Sul. A aplicação ocorria com grupos de 5 a 12 membros, com idades entre 16 e 18 anos, em 12 semanas, com encontros de 2 horas. A pesquisadora acompanhou o programa de 2006 a 2016. O método utilizado foi trabalho com percussão, escuta musical, ensino de música, performance e improvisação. Esse projeto objetivou apoiar os jovens na lida com experiências difíceis que tenham passado, a fim de explorar maneiras saudáveis de construir relacionamentos sociais, expressar emoções, assumir responsabilidades, e fomentar a esperança para o futuro.

Vários participantes demonstraram crescimento e mudanças significativas; as experiências com percussão incentivaram os participantes no fazer musical, e ofereceram uma sensação de pertencimento e desejo de trabalho em equipe tanto dos participantes como dos funcionários, organização e comunidades envolvidas. A limitação foi que o estudo contou com a visão apenas da terapeuta, que deixou a sugestão de estudo com parecer dos participantes, além de acompanhamento destes a longo prazo.

A pesquisa de Fouche e Stevens (2018, p. 5), se deu na Cidade do Cabo, África do Sul, em uma organização sem fins lucrativos conhecida como *Music Works*, que visou fortalecer e motivar jovens na busca por relacionamentos e recursos disponíveis. A aplicação foi em 4 anos à alunos da 4ª e 5ª série, com idades entre 10 e 13 anos. O objetivo do projeto foi fornecer oportunidades para o fortalecimento da autoestima, conexão social, aumento da empatia, pertencimento de grupo, independência, generosidade e aumento das habilidades sociais. Este estudo encontrou indicações de

que a música ajudou o grupo de musicoterapia a se conectar e interagir com fluidez, refletindo fora da sessão. As experiências musicais e de musicoterapia exploram os recursos existentes dentro das crianças e da comunidade escolar.

Morales-Fernández e Urrego-Mendoza, (2017, p.463) visaram em sua pesquisa compreender, por meio de um estudo de caso, o significado de saúde mental que circula entre as narrativas das comunidades indígenas. O público verificado nessa pesquisa foi a Comunidade Musica, da Cundinamarca, perto de Bogotá. A música foi utilizada como o elemento principal de contato com essa comunidade, e também como uma ferramenta terapêutica. Para os indígenas, a música obedece o legado ancestral, pois remonta às origens de cada povo e à sua ancestralidade. Os resultados observados foram que os indígenas entendem que o território é uma fonte espiritual de sabedoria, que envolve a saúde, a música e a cultura desse povo. A terra e o homem são considerados um único território. Para eles, a saúde é entendida como comunidade, integralidade, e vem de nós. A doença é a quebra do equilíbrio, a perda do vínculo entre a mãe terra e o pai espiritual. A música, contudo, é a ferramenta ou atividade que promove essa cura, pois nelas estão as ligações vibracionais e energéticas. Os autores destacam que a saúde mental está relacionada com o coração, com o pensamento, com a palavra e a ação, que une a ancestralidade, territorialidade, medicina e cura. A música está intrinsecamente entrelaçada na história e cultura desse povo, e remete ao sagrado e a ancestralidade, devendo haver este destaque para a realização de trabalhos de musicoterapia.

A experiência conduzida por Cunha (2017, p.3), com mulheres com mais de 30 anos, teve como objetivo descrever e discutir os eventos cognitivos (atenção, concentração, aprendizado em pares, resolução de problemas), afetivos (ansiedade, raiva, tristeza, alegria) e físicos (linguagem corporal e movimento corporal), a partir da proposta de musicoterapia comunitária e sociologia da música. Durante os encontros, foram analisadas questões dos domínios citados, além de entrevista posterior, e verificou-se que, fazendo esse trabalho juntos, o grupo foi estimulado nas relações sociais, coletividade a agir e interagir. Ocorreram discussões sobre igualdade, trivialidade e diferenças, considerando as relações de hierarquia e poder, e a sessão de musicoterapia foi um espaço de livre discussão e reconstrução de significados.

O fazer musical em grupo foi novidade para as participantes, que interagiram de forma musical e verbal. Ao final do processo, as sensações foram de tranquilidade, liberdade e alegria, e relataram que puderam aprender mais umas sobre as outras, interagir social e musicalmente, além de aliviar o estresse e experimentar espontaneidade, o que trouxe alegria e alívio às participantes.

Cunha (2016) aborda em sua pesquisa a necessidade de ampliar a relação entre os pacientes, habituando-se em práticas coletivas. A pesquisa articulou os pensares de vários profissionais da área sobre o campo do social e comunitário. Para a autora, as vivências musicais vividas com os grupos ajudam no enfrentamento de problemas, pois a partir da música, elemento comum entre todos, criam-se maneiras de crescimento e resistência, auxiliando assim no confronto desses conflitos. Nesse contexto, a criação musical vai ter sua potência quando integrar a todos, sem exceções, criando laços e estimulando a emancipação e mudanças.

Fernández-Batanero e Felício (2016, p.167) pesquisaram a aplicação da musicoterapia utilizando o método de Orff, em uma instituição para jovens em conflitos com a lei (de delitos leves a graves) da cidade de Coimbra, Portugal. Utilizou como amostra 40 jovens de 16 a 18 anos, sendo as sessões de 45 minutos divididas em 8 momentos. A justificativa foi a realização da musicoterapia como instrumento terapêutico, pois os centros institucionalizados rechaçam as habilidades pessoais desses jovens, não trabalhando e potencializando. O projeto visou observar que essa faixa da sociedade, por sua vez, se vê esquecida e largada nos centros.

O método de Orff toma como base o ritmo da linguagem, rimas, refrãos, e trava línguas. O trabalho buscou demonstrar o uso do método de Orff e a improvisação da musicoterapia. O projeto teve importância fundamental para a integração social desses jovens, provocando mudanças emocionais e sentimentais, modificando o estado de espírito e o conhecimento profundo do mundo emocional de si próprio, desenvolvendo a expressão verbal e a auto aceitação de si mesmo e dos demais.

Steele (2016) em sua pesquisa, coloca em contraponto aos modelos individualistas das práticas da musicoterapia tradicional, assim, ele busca entender os diferentes contextos em que ela se insere. Concluindo que a prática grupal com cunho social e comunitário gera grandes benefícios para a saúde mental dos envolvidos.

Clarkson e Killick (2016) pesquisaram em seu projeto na *London Borough of Suttons Disability Services*, envolvendo adultos com dificuldade de aprendizagem. As sessões foram disponibilizadas à qualquer pessoa da comunidade, e tiveram como objetivo promover o relacionamento e a comunicação entre os participantes, reduzir o isolamento social, apoiar um sentimento de comunidade, e fomentar um espaço de valorização e respeito entre os membros da comunidade que auxiliam os adultos com dificuldades de aprendizagem. Isto significa que a qualidade de vida e o bem-estar dos participantes nestes grupos melhoraram devido às experiências partilhadas de mutualidade, compreensão e exploração empática dentro de toda a produção musical de grupo. O grupo motivou a comunicação independente dos participantes por meio de formas de expressão livres de juízos de valor, fazendo crescer o sentimento de humanidade, e alimentando a empatia e a perspicácia.

Gardstrom e Hiller (2016, p.3) dissertam em seu artigo sobre a resistência dos clientes na musicoterapia em grupos com homens e mulheres institucionalizados para tratamento para abuso de substâncias. Os grupos atendidos variavam de 7 a 14 pessoas, com idades entre 17 a 65 anos de idade. A duração das sessões de musicoterapia foi de 50 minutos, 2 vezes na semana, acontecendo de forma rotativa. Nestes locais, a resistência dos participantes, que ocorre como recusa ou evitação, é respeitada, mas é considerada contraproducente. Além de minimizar as oportunidades de exploração e desenvolvimento da pessoa, pode desestabilizar a interação de outro membro do grupo.

Para diminuir as resistências apresentadas, foi oferecida aos participantes, na técnica receptiva, a chance da escolha do material musical a ser trabalhado com o grupo, além da informação aos participantes da intensidade emocional da música antes da escuta, lembrando que a musicoterapia é um espaço seguro; e são aceitos todos os tipos de respostas. No método improvisacional, foi trabalhada a acessibilidade e a atratividade dos instrumentos, destacando que não são brinquedos e sim instrumentos de qualidade profissional (percepção já ouvida de homens adultos), para se incentivar o engajamento. Na composição, é mantida a música suavemente de fundo para inspiração, e o musicoterapeuta assume a responsabilidade pela estética da música. Como resultados, os grupos apresentaram suporte mútuo e reconhecimento das conquistas feitas, a sensação do orgulho pessoal e coletivo e solidariedade entre os participantes.

Tiszai (2016, p.3) apresenta em sua pesquisa projetos bem-sucedidos com músicos com deficiências graves e estudantes adolescentes de música. A amostra da pesquisa foram membros adultos de uma casa de repouso na Hungria, considerando em plano de fundo o contexto histórico, sociopolítico de como a musicoterapia se desenvolve em partindo da musicoterapia comunitária. Com esses participantes, foi formada uma orquestra (Orquestra de *Nádizumzum*), e embora a maioria destes indivíduos não fossem capazes de seguir instruções verbais, eles executavam movimentos perfeitamente sincronizados com o ritmo da música. Assim, em vez de utilizar as formas tradicionais de instrução musical, foram utilizados esses movimentos musicais para executar música como orquestra.

A musicoterapia constituiu uma oportunidade especial para envolver e tornar visíveis pessoas que seriam descritas como um grupo minoritário sem voz e assim, resultou em uma experiência de fortalecimento mútuo de valores universais do potencial humano, cuidados e justiça social, tanto para os músicos do grupo *Nádizumzum*, como para os estudantes e demais pessoas envolvidas com o grupo.

Observa-se nos estudos relacionados que a musicoterapia é uma importante ferramenta que pode auxiliar no tratamento e reabilitação de pacientes. Constata-se também, nessa pesquisa, a importância da musicoterapia grupal, pois fornece elementos, por vezes não encontrados em outras práticas musicoterápicas, como a interação social, o sentido de pertencimento, a possibilidade de se trabalhar com gerações, idades e gêneros diferentes. Auxilia também no aprendizado, na exploração da criatividade, na espontaneidade, na criação da identidade do grupo, no aumento da autoestima, no enfrentamento e busca de soluções de problemas sociais. Ficando evidente, nessa revisão integrativa, as múltiplas contribuições das vivências coletivas em musicoterapia.

Conclusão

O presente artigo teve como objetivo identificar na literatura as contribuições da prática da musicoterapia que envolva a interação grupal, ficando evidente a importância da musicoterapia em grupo e sua eficácia. Desenvolve habilidades sociais de comunicação e interação, oportunizando que se projete planos e ações futuras, movimentando as vivências e transformando as diferentes formas de existir no mundo, o

que abre as portas para que o profissional busque se especializar nessa área tão vasta e tão carente de profissionais habilitados.

A partir dos estudos encontrados, percebe-se que a musicoterapia tem uma importante contribuição para a ciência, principalmente considerando-se a musicoterapia comunitária, que é mais focada no desenvolvimento social do que nas necessidades individuais.

Referências

- Arndt, A. D., Cunha, R., & Volpi, S. (2016). Aspectos da prática musicoterapêutica: contexto social e comunitário em perspectiva. *Psicologia & Sociedade*.
- Bruscia, K. E. (2016). *Definindo Musicoterapia*. Dallas: Barcelona Publishers.
- Clarkson, A., & Killick, M. (2016). A Bigger Picture: Community Music Therapy Groups in Residential Settings for People with Learning Disabilities. *Voices: A World Forum for Music Therapy*, v. 16, n. 3.
- Cunha, R. (2016). Musicoterapia social e comunitária: uma organização crítica de conceitos. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, pp. 93-116, Ano XVIII, nº 21.
- Cunha, R. (2017). Musicking Together: Affective, Cognitive and Physical Aspects of a Music Therapy Group Work. *Voices: A World Forum for Music Therapy*, v. 17, n. 2.
- Cunha, R. (2019). Reflexões sobre a prática da musicoterapia em grupo. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, pp. 08-27, Ano XXI, nº 26.
- Fernández-Batanero, J. M., & Felício, J. M. (2016). Musicoterapia e integración social en menores infractores - Un estudio de casos. *SciELO: Perfiles educativos*, v. XXXVIII, n. 152.
- Fouche, S., & Stevens, M. (2018). Co-creating Spaces for Resilience to Flourish. *A World Forum for Music Therapy*, v. 18, n. 4.
- Gardstrom, S., & Hiller, J. (2016). Resistances in Group Music Therapy With Women and Men With Substance Use Disorders. *A World Forum for Music Therapy*, v. 16, n. 3.
- Guerriero, A., & Blanck, C. (2018). Music therapy in a parent-child reunification program. *Voices: A World Forum for Music Therapy*, v. 18, n. 4.
- Hense, C. (2019). Scaffolding Young People's Journey from Mental Health Services into Everyday Social Music Making. *Voices: A World Forum for Music Therapy*, v. 19, n. 1.

- Morales-Hernández, L. A., & Urrego-Mendoza, C. Z. (2016). Health, mental health, music and music therapy in a Colombian indigenous community from Cota, 2012-2014. *Rev. Fac. Med*, p. 461-465, vol 65, n.3.
- Netto, I. M., Santos, G. J., & Santos, L. M. (2020). Grupo musical como contexto para promoção do desenvolvimento Positivo de adolescentes. *SciELO: Interface (botucatu)*.
- Oosthuizen, M. (2018). Working With and Within Chaos. *Voices: A World Forum for Music Therapy*, v. 18, n. 4.
- Pimentel, A. F., Barbosa, R. M., & Chagas, M. (2011). Musicoterapia na sala de espera de uma unidade básica de saúde: assistência, autonomia e protagonismo. *SciELO: Interface - Comunic., Saude, Educ.*, p.741-54, v.15, n.38.
- Steele, M. (2016). How Can Music Build Community? Insight from Theories and Practice of Community Music Therapy. *Voices: A World Forum for Music Therapy*, v. 16, n. 2.
- Tiszai, L. (2016). Music Belongs to Everyone: Moments of Progress in Community Music Therapy with Musicians with Severe Disabilities. *Voices: A World Forum for Music Therapy*, v. 16, n. 3.
- Vaillancourt, G., Costa, D., Han, E. (., & Lipski, G. (2018). An Intergenerational Singing Group: A Community Music Therapy Qualitative Research Project and Graduate Student Mentoring Initiative. *Voices: A World Forum for Music Therapy*, v. 18, n. 1.
- Vega, M. R. (2020). Musicoterapia grupal activa y depresión en pacientes del Hospital de Psiquiatría - CNS. *SciELO: Revista de Psicología*, p. 11-36, n. 24, La Paz.
- Vigotsky, L. (1978). *Mind in society: The development of higher psychological processes*. Harvard University Press.
- Young, L. (2020). Finding Our Voices, Singing Our Truths: Examining How Quality of Life Domains Manifested in a Singing Group for Autistic Adults. *Voices: A World Forum for Music Therapy*, v. 20, n. 2.